Frei Luiz de Sousa

Almeida Garrett, João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, Visconde de

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Frei Luiz de Sousa

Almeida Garrett, João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, Visconde de

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

[Figura: EDUARDO BRAZÃO, interprete principal de «Frei Luiz de Souza»]

ALMEIDA GARRETT

FREI LUIZ DE SOUSA

DRAMA

Representado, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade particular, no theatro de quinta do Pinheiro em quatro de Julho de MDCCCXLIII

ESCRIPTORIO DE PUBLICAÇÕES DE FERREIRA DOS SANTOS

Rua de Santa Catharina, 231

PORTO

Imprensa Commercial--Rua da Conceição, 29 a 37

PESSOAS

MANUEL (FREI LUIZ) DE SOUSA
DONA MAGDALENA DE VILHENA
DONA MARIA DE NORONHA
FREI JORGE-COUTINHO
O ROMEIRO
TELMO-PAES
O PRIOR DE BEMFICA
O IRMÃO CONVERSO
MIRANDA
O ARCEBISPO DE LISBOA
DOROTHEA

CÔRO DE FRADES DE SAN'DOMINGOS

Clerigos do arcebispo, frades, criados, etc.

Logar da scena--Almada.

ACTO PRIMEIRO

_Camera antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do seculo dezasette: porcelanas, xarões, sedas, flores, etc. No fundo duas grandes janellas rasgadas, dando para um eirado que olha sôbre o Tejo e de donde se ve toda Lisboa: entre as janellas o retratto, em corpo inteiro, de um cavalleiro môço vestido de preto com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalem.--Defronte e para a bôcca da scena um bufete pequeno coberto de ricco panno de velludo verde franjado de prata; sôbre o bufete alguns livros, obras de tapeçaria meias-feitas, e um vaso da

China de collo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamboretes razos, contadores. Da direita do espectador, porta de communicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior.--É no fim da tarde_.

SCENA I

MAGDALENA so, sentada junto á banca, os pés sôbre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sôbre elle, como quem descahiu da leitura na meditação.

Magdalena, _repettindo machinalmente e de vagar o que acaba de ler_.

«N'aquelle ingano d'alma ledo e cego Que a fortuna não deixa durar muito...»

Com paz e alegria d'alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema n'este mundo.--E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, póde-se morrer. Mas eu!... (_pausa_) Oh! que o não saiba elle ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes continuos terrores que ainda me não deixaram gozar um so momento de toda a immensa felicidade que me dava o seu amor.--Oh que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (_Torna a descahir em profunda meditação: silencio breve_.)

SCENA II

MAGDALENA, TELMO-PAES

Telmo, _chegando aopé de Magdalena que o não sentiu entrar_. A minha senhora está a ler?...

Magdalena, _despertando_. Ah! sois vós, Telmo... Não, ja não leio: ha pouca luz de dia ja; confundia-me a vista.--E é um bonito livro este! o teu valido, aquelle nosso livro, Telmo.

Telmo, _deitando-lhe os olhos_. Oh, oh! Livro para damas--e para cavalleiros... e para todos: um livro que serve para todos; como não ha outro, tirante o respeito devido ao da Palavra de Deus! Mas esse não tenho eu a consolação de ler, que não sei latim como meu senhor... quero dizer, como o senhor Manuel de Sousa-Coutinho--que lá isso!... acabado escholar é elle. E assim foi seu pae antes d'elle, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas lettras e de muito galante prática--e não somenos as outras partes de cavalleiro: uma gravidade!... Ja não ha d'aquella gente.--Mas, minha senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim n'outra lingua, n'uma lingua que a gente... que toda a gente não intende!... confesso-vos que aquelle mercador inglez da rua-Nova, que aqui vem ás vezes, tem-me ditto suas cousas que me quadram... E Deus me perdoe! que eu creio que o homem é hereje d'esta seita nova d'Allemanha ou d'Inglaterra. Será?

Magdalena. Olhae, Telmo; eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que... que...

Telmo. Que ja lá vai, que era outro tempo.

Magdalena. Pois sim... (_suspira_) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

Telmo. Não, a senhora D. Maria ja é mais alta.

Magdalena. É verdade, tem crescido de mais, e derepente n'estes dois mezes ultimos...

Telmo. Então! Tem treze annos feitos, é quasi uma senhora, está uma senhora... (_áparte_) Uma senhora aquella... pobre menina!

Magdalena, _com as lagrymas nos olhos_. Es muito amigo d'ella, Telmo?

Telmo. Se sou! Um anjo como aquelle... uma viveza, um espirito!... e então que coração!

Magdalena. Filha da minha alma! (_pausa:--mudando de tom_) Mas olha, meu Telmo, tórno a dizer-t'o: eu não sei como heide fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tam criança, de quando casei a... a... a primeira vez--costumei-me a olhar para ti com tal respeito: ja então eras o que hoje es, o escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos.

Telmo, _internecido_. Não digaes mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.

Magdalena, _quasi offendida_. Porquê? não es hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possivel? Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito--do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel de meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em glória?

Telmo, _áparte_. Terá...

Magdalena. O amigo e camarada antigo de seu pae?

Telmo. Não, minha senhora, não, por certo.

Magdalena. Então?...

Telmo. Nada. Continuae, dizei, minha senhora.

Magdalena. Pois está bem.--Digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens... Mas, meu amigo, tu tomáste--e com muito gôsto meu e de seu pae, um ascendente no espirito de Maria... tal que não ouve, não cre, não sabe senão o que lhe dizes. Quasi que es tu a sua donna, a sua aia de criação.--Parece-me... eu sei... não falles com ella d'esse modo, n'essas coisas...

Telmo. O quê? No que me disse o inglez, sôbre a sagrada Escriptura que elles lá teem em sua lingua, e que?...

Magdalena. Sim... n'isso decerto... e em tantas outras coisas tam altas, tam fóra de sua edade, e muitas do seu sexo tambem, que aquella criança está sempre a querer saber, a perguntar.--É a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem ves que não é uma criança... muito... muito forte.

Telmo. É... delgadinha, é. Hade inrijar. É tê-la por aqui, fóra d'aquelles ares apestados de Lisboa; e deixae, que se hade pôr outra.

Magdalena. Filha do meu coração!

Telmo. E do meu.--Pois não se lembra, minha senhora, que ao principio, era uma criança que eu não podia...--é a verdade, não a podia ver: ja sabereis porquê... mas vê-la, era ver... Deus me perdoe!... nem eu sei...--E d'ahi começou-me a crescer, a olhar para mim com aquelles olhos... a fazer-me taes meiguices, e a fazer-se-me um anjo tal de formosura e de bondade, que--vêdes-me aqui agora que lhe quero mais do que seu pae.

Magdalena, _surrindo_. Isso agora!...

Telmo. Do que vós.

Magdalena, _rindo_. Ora, meu Telmo!

Telmo. Mais, muito mais. E veremos: tenho ca uma coisa que me diz que antes de muito se hade ver quem é que quer mais á nossa menina n'esta casa.

Magdalena, _assustada_. Está bom; não entremos com os teus agouros e prophecias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo'-nos de futuros...

Telmo. Deixemos, que não são bons.

Magdalena. E de passados tambem...

Telmo. Tambem.

Magdalena. E vamos ao que importa agora.--Maria tem uma comprehensão...

Telmo. Comprehende tudo!

Magdalena. Mais do que convem.

Telmo. Ás vezes.

Magdalena. É preciso moderá-la.

Telmo. É o que eu faço.

Magdalena. Não lhe dizer...

Telmo. Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzella honesta e digna de melhor... de melhor.

Magdalena. Melhor quê?

Telmo. De nascer em melhor estado.--Quizestes ouvi-lo... está ditto.

Magdalena. Oh Telmo! Deus te perdoe o mal que me fazes. (_Desata a chorar_.)

Telmo, _ajoelhando e beijando-lhe a mão_. Senhora... senhora D. Magdalena, minha ama, minha senhora... castigae-me... mandae-me ja castigar, mandae-me cortar ésta lingua pêrra que não toma insino.--Oh senhora, senhora!... é vossa filha, é a filha do senhor Manuel de Sousa-Coutinho, fidalgo de tanto primor, e de tam boa linhagem como os que se teem por melhores n'este reino, em toda Hespanha... A senhora D. Maria... a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Sousas; não precisa mais nada, mais nada, minha senhora, para ser... para ser...

Magdalena. Calae-vos, calae-vos, pelas dores de Jesus Christo, homem.

Telmo, _soluçando_. Minha ricca senhora!...

Magdalena, _inchuga os olhos, e toma uma attitude grave e firme_. Levantae-vos, Telmo, e ouvi-me. (_Telmo levânta-se_) Ouvi-me com attenção. É a primeira e será a última vez que vos fallo d'este modo e em tal assumpto.--Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal; tinheis sido o companheiro de trabalho e de glória de seu illustre pae, aquelle nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pae. Entrei depois n'essa familia de tanto respeito; achei-vos parte d'ella, e quasi que vos tomei a mesma amizade que aos outros... chegastes a alcançar um podêr no meu espirito, quasi maior...--decerto, maior--que nenhum d'elles. O que sabeis da vida e

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com